

# SENTIDO DA VIDA NA CIDADE DOS HOMENS: UMA ANÁLISE LOGOTERAPÊUTICA E EXISTENCIAL

## MEANING OF LIFE IN THE CITY OF MEN: A LOGOTHERAPEUTIC AND EXISTENTIAL ANALYSIS

**Alice Cristina Silva**

**Resumo.** Este trabalho se propõe a analisar a obra cinematográfica “Cidade do Homens”, dirigida por Fernando Meirelles em 2007, a partir dos aspectos pertinentes da Logoterapia e Análise Existencial frankliana. A Logoterapia e a Análise Existencial foram formuladas pelo psicólogo austríaco Viktor Emil Frankl, e assumiram a forma de teoria após sua libertação dos campos de concentração nazistas. A análise do filme citada permitiu reconhecer a aplicabilidade dos conceitos teóricos da Logoterapia em situações genuinamente humanas e comuns da existência do homem.

**Palavras-chave:** logoterapia; sentido de vida; cidade dos homens.

**Abstract.** This paper aims to analyze the movie "City of men," directed by Fernando Meirelles in 2007, based on the relevant aspects of Logotherapy and Existential Analysis frankliana. The Logotherapy and Existential Analysis were created by the austrian psychologist Viktor Emil Frankl, and assumed the form of theory after his release of the nazi concentration camps. The analysis allowed to recognize the applicability of theoretical concepts of Logotherapy in genuinely common human situations.

**Key words:** logotherapy; meaning of life; city of men.

A temática da busca de sentido na vida tem sua marca na Psicologia no século XX, produzida pela teoria analítica existencial do austríaco Viktor Emil Frankl. A vida de Frankl foi marcada pelo terror dos campos de concentração nazista. Entre 1942 e 1945, viveu em diferentes campos de extermínio. Para Frankl, este acontecimento foi decisivo para o desenrolar de suas ideias teóricas. Após sua libertação, Frankl transforma no livro “Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração” os manuscritos que começou a escrever antes de ser aprisionado, e que reúnem suas experiências existenciais e psicológicas durante o encarceramento (Roehe, 2005; Aquino, 2012).

A corrente teórica formulada por Frankl, denominada de Logoterapia, tem como núcleo a vontade de sentido inerente à existência humana. Esta condição regerá especialmente a busca e experimentação de um sentido de vida para cada indivíduo, e será responsável por explicar a sua existência.

Para Frankl (2008), a busca que o indivíduo estabelece em direção ao sentido de sua vida é a motivação primária de sua existência. O autor rompe, deste modo, com as concepções freudianas, por exemplo, de caráter instintivo e reativo, que reduzem os sentidos e valores envolvidos no fenômeno da existência humana à meros mecanismos de defesa. A visão de Frankl (2008), por sua vez, admite o sentido como exclusivo e específico a cada ser humano, haja vista que unicamente este pode cumprir tal sentido. Para o autor, o homem possui como principal preocupação a realização de um sentido.

*Há, então, uma inquietação com relação à vida no ser humano que, com frequência, pergunta pelo sentido do seu existir. Mais do que existir deve haver um porque existir. Esse porquê existir é que poderá dar base e sustentação para que se suporte a vida em suas incertezas.* (Souza & Gomes, 2012, p. 51).

Frankl (2008) considera o sentido da vida como único e diferente para cada pessoa, sendo este também transitório no que diz respeito à vida e a temporalidade desta. Neste caso, o que é fundamentalmente importante é o sentido específico da vida que cada pessoa tem em um determinado momento de sua existência. Segundo Pereira (2007), trata-se, neste caso, de

identificar qual necessidade tem um objetivo por trás de sua realização, ou seja, um sentido.

A missão específica a ser executada por cada indivíduo, e sua oportunidade de fazê-la é singular para cada pessoa, portanto. As situações que se apresentam aos indivíduos, assim, representam uma questão partida da vida e endereçada ao indivíduo. Neste caso, apenas o sujeito pode responder à vida, respondendo pela sua própria existência, sendo responsável por esta. Frankl (1989, citado por Matos, 2012) considera que o sentido da vida não é inventado ou dado para o indivíduo, devendo ser, portanto, encontrado por este. Cada ser humano é, deste modo, cercado pelo sentido da própria vida.

A frustração existencial é experimentada pelo ser humano no caso em que esta vontade de sentido fada ao fracasso. Tal frustração diz-se existencial uma vez que relaciona-se ao modo da existência humana, ao sentido que esta assume e à busca de um sentido concreto, ou seja, vontade de sentido. A frustração existencial pode resultar nas chamadas neuroses noogênicas – que, por sua vez, tem origens na dimensão noológica, ou seja, na dimensão mente pertinente à condição especificamente humana. Estas neuroses emergem de problemas relacionados à existência humana, como por exemplo, de frustrações no caminho da vontade de sentido existencial (Frankl, 2008). Esta classe de neuroses “não se trata simplesmente de uma reação psíquica a uma restrição externa de possibilidade de sentido, mas da manifestação de uma restrição interna da capacidade ou disponibilidade para perceber possibilidades de sentido e realizá-las.” (Lukas, 1999, citada por Silva, Aquino, Melo & Damásio, 2008).

Em se tratando do caminho da busca de um sentido de vida, Frankl (2008) resgata a tensão dialética interior à qual o ser humano esta vulnerável. Este movimento dinâmico é indispensável para a manutenção da saúde mental do sujeito. A esta visão, Frankl (1986, citado por Roehe, 2005) denomina de noodinâmica. Este conceito ultrapassa a visão higienista de um ser humano livre de tensões e marcado pelo equilíbrio oriundo das descargas tensionais, ao considerar a necessidade do indivíduo de um desafio do próprio sentido latente a ser cumprido.

*A noodinâmica é a tensão caracteristicamente humana, a dinâmica existencial. Viver buscando*

*redução de tensão ou homeostase opõe-se à autotranscendência humana. Isso porque a noodinâmica é a tensão que se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. (p. 313).*

*Este movimento noodinâmico refere-se à “dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo”.* (Frankl, 2008, p. 130). Isso se justifica especialmente pelo fato de que é o sentido da vida o responsável por fortalecer as estruturas individuais, de modo à manter o ser humano capacitado à sobrevivência nas mais (a)d(i)versas situações. Seria impossível, portanto, que o indivíduo regesse sua busca pelo sentido de vida sem que sua vontade de sentido fosse desafiada, uma vez que, para Frankl (2008), o ser humano necessita buscar e lutar por um objetivo livremente escolhido e que valha a pena.

Ao longo do caminho em busca do seu sentido de vida, é natural que o ser humano possa vir a experimentar condições de vazio existencial. Frankl (2008) atribui este fenômeno à duas perdas fundamentais sofridas pelo ser humano em seu desenvolvimento: a primeira, refere-se aos instintos básicos animais que asseguram sua existência, e a segunda diz respeito à perda progressiva das tradições que forneciam apoio ao seu comportamento. Neste aspecto, o ser humano depara-se com o momento de ausência dos instintos e tradições que lhe diriam o que (não) fazer. É comum que o indivíduo não saiba o que fazer e, então, ele passa a desejar fazer o que os outros fazem, adotando uma postura conformista, ou a fazer o que os outros querem que ele faça, cedendo ao totalitarismo. A manifestação mais comum do vazio existencial é o estado de tédio. A vontade de poder, incluindo a vontade de dinheiro, ou a vontade de prazer podem entrar em substituição ao vazio existencial, atuando como um disfarce para a vontade de sentido frustrada (Frankl, 2008).

Ainda sobre a existência humana, Frankl (2008) destaca a importância que a habilidade em responder à vida (responsabilidade) assume na busca de sentido. O autor apresenta, assim, a máxima imperativa da Logoterapia: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” (p. 134). Esta frase reflete o impacto que o confronto com a finitude

da vida tem sobre o ser humano. Para Frankl (1993, citado por Roehe, 2005), o homem, percebendo-se como ser mortal, nota a impossibilidade de adiar por longos infinitos a realização do sentido de sua vida e, a partir disto, decide sua responsabilidade sobre seus atos e, em última instância, sobre o sentido de sua vida, assumindo-a.

A responsabilidade sobre o verdadeiro sentido da vida de cada indivíduo diz respeito ao caráter externo que este assume, uma vez que o sentido da vida deve ser encontrado no mundo externo, e não no íntimo da psique individual. Frankl (2008) nomeou este fenômeno de autotranscendência, e definiu-o à tendência do indivíduo de sempre direcionar-se a algo que esteja externo a si mesmo, seja em busca de um sentido ou ao encontro de outro sujeito.

Para o autor (1989, citado por Roehe, 2005), somente quando o homem transcende a si próprio, é possível que realize sua vontade de sentido. Ser homem, portanto, tem significado intrínseco à condição de orientar para algo diferente de si. Quanto mais o indivíduo abdicar de si mesmo, afastando-se de si próprio e dedicando-se a uma causa ou a alguém, mais humana será sua vontade de sentido e mais perto esta estará de sua (auto)realização. O fenômeno da autorrealização é unicamente possível como consequência da autotranscendência – visto que seu contrário é improdutivo: tanto quanto a pessoa se esforce, tanto se afastará de seu objetivo (Frankl, 2008).

Ainda sobre a descoberta do sentido da vida, a Logoterapia advoga a possibilidade de esta ocorrer por três vias: pela criatividade, através de uma tarefa ou obra oferecida ao mundo; pela experiência de algo, como a cultura ou a natureza, ou através da experiência única de outro ser humano, através do amor; e pela atitude, no que diz respeito à posição tomada frente a sofrimentos inevitáveis (Frankl, 1989, citado por Roehe, 2005). Para Frankl (2008), “amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade.” (p. 136). Por meio desta experiência, o ser humano consegue descobrir o potencial em outro indivíduo, enxergando aquilo que nele pode vir a ser realizado. Através deste sentido do amor, a pessoa que ama torna a pessoa amada capaz de realizar tais potencialidades, conscientizando-a do seu vir a ser.

Já o sentido pela via do sofrimento demonstra a possibilidade de encontrar sentido de vida ainda que a situação de sofrimento seja inevitável. Neste caso, a possibilidade de encontrar sentido deságua na própria mudança do indivíduo – o que implica em um encontrar sentido ante aquela situação, uma vez que é isto que assegura que o ser humano suporte o sofrimento. Embora a condição de sofrimento não seja estritamente necessária para encontrar um sentido da vida, nela é plenamente possível que um sentido seja encontrado. Além do sofrimento que pode fazer com que o sentido da vida do ser humano sucumba, a morte também o pode. O caráter transitório da vida é imprescindível para que assumamos a nossa responsabilidade diante da busca e execução de um sentido (Frankl, 2008).

A questão fundamental na visão de Frankl (2008) sobre o ser humano, e que embasa sua teoria, não diz respeito ao indivíduo estar *livre de* ser resultado único dos condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos, e sim ter a liberdade *para* tomar uma posição frente a estes determinantes. É daí que nasce a crítica ao pandeterminismo psicanalítico, que advoga a incapacidade do ser humano de posicionar-se frente aos condicionantes. Para Frankl, entretanto, é do ser humano a capacidade de decidir se cede ou não aos determinantes – sendo, assim, autodeterminante. Isso se justifica, segundo Frankl (1993, citado por Roehe, 2005), pelo fato do próprio indivíduo ser capaz de se determinar, de resistir ou ceder à estes condicionamentos, com base em suas escolhas. “O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário.” (Frankl, 2008, p. 153). Não somos livres de nossas limitações. (Roehe, 2005, p. 312)

## DESENVOLVIMENTO

O filme escolhido para a análise, *Cidade dos Homens*, é um longa-metragem brasileiro dirigido por, dentre outros, Fernando Meirelles e Paulo Morelli, em 2007. O roteiro baseia-se na série homônima exibida pela Rede Globo em quatro temporadas, entre 2002 e 2005. O filme contou com um elenco nacional de peso, incluindo os jovens atores Darlan Cunha e Douglas Silva. A obra apresenta a história da dupla de amigos

Acerola e Laranjinha, Luiz Cláudio Junior e Uólace Silva, respectivamente. A dupla de amigos, moradora do fictício Morro da Sinuca, no Rio de Janeiro, está prestes a completar dezoito anos de idade e ambos enfrentam a paternidade – de formas distintas, entretanto. Acerola teve um filho recentemente e precisa aprender a desempenhar o papel de pai. Laranjinha, por sua vez, sente falar mais alto o que sempre foi o maior desejo de sua vida: encontrar seu pai, até então desconhecido.

Os dois jovens têm suas vidas atravessadas pela guerra do controle do tráfico de drogas no morro em que moram. O filme ultrapassa os retratos tradicionalmente feitos das favelas brasileiras, marcados unicamente pelos bailes *funk* e difíceis condições de vida. O filme dedica-se a explorar elementos-chave da vida de muitos jovens brasileiros: o questionamento sobre seu futuro e as marcas deixadas pelo seu passado.

A cena que serve como ponto de partida para o desenvolvimento da história da dupla de amigos retrata, de forma clara, a vontade de sentido do personagem Laranjinha. Sentido este o de encontrar seu pai, estabelecer uma relação com ele e, em última instância, ter seu nome em sua certidão de nascimento. Na praia, acompanhado de seu amigo, Laranjinha reflete sobre o peso em que a idade dos dezoito anos tem sobre um morador da periferia. Aos 10min20s de filme, diz: “*Já reparou, Acerola? Playboy quando faz dezoito anos tira logo carteira de motorista... E pobre, de trabalho. ‘Mó esculacho’*”. Acerola, por sua vez, manifesta sua frustração existencial ao ter fracassado no alcance de seu sentido de vida, que seria aproveitar sua juventude sem prender-se a uma família recém-formada. Aos 10min30s, Acerola diz: “*Irmão, ‘to’ fazendo dezoito anos e só comi uma mulher, cara, ainda por cima a minha mulher, olha aí. É, maluco... A Cristiane, engravidou logo de primeira, ‘né’. Pensou nisso?!’*”. O sentido de vida de Laranjinha torna a aparecer quando ele deixa claro qual o seu sentido a ser alcançado: “*Vou fazer dezoito anos, cara, ainda nem conheci meu pai. Pior que ‘num’ tem jeito, Acerola, dezoito anos e ‘tá’ lá, oh, carimbado: ‘Pai desconhecido’.*” (10min49s). Ao receber o conselho por parte de seu amigo de fazer como ele, e esquecer o desejo de encontrar o pai, Laranjinha reafirma o importância fundamental que este tem em sua existência: “*‘Pô’, ‘num’ consigo, Acerola, ‘num’ consigo, cara.*” (11min03s). De acordo com Frankl (2008), o

sentido de vida e a busca por ele constituem-se como a motivação primária da existência do indivíduo.

Em meio a um mergulho de mar, Laranjinha tem uma ideia para encontrar seu pai e segue com Acerola para a casa de sua vó. Lá, tenta de várias formas descobrir o paradeiro ou, ao menos, o nome de seu pai desaparecido. Sua vó, entretanto, retrata o pai de Laranjinha do pior modo, ao atestar sua conduta negligente no dia do nascimento do filho. Laranjinha descobre, entretanto, que o pai havia sido garçom e participara de um antigo time de futebol do local. Contudo, o presente da associação de moradores do local tem a mesma opinião que a vó de Laranjinha acerca da conduta de seu pai.

Em paralelo, Acerola mostra-se inábil nos cuidados para com seu filho, lembrando-se de tê-lo esquecido na praia. Após encontrar seu filho com o presidente da associação de moradores e entregá-lo à sua namorada, um *flashback* resgata o momento exato em que Acerola teve seu sentido de vida frustrado. Aos 17min16s, em uma conversa com Laranjinha, anos atrás, Acerola demonstra sua inquietação em ser pai precocemente: *“Não sei, cara, sou muito novo pra ser pai, cara. Acho que eu vou dar um tempo com a Cristiane, cara.”* Ao ser questionado por seu amigo se deixaria a namorada criar o filho sozinha, deixando-o crescer sem uma figura paterna, Acerola mostra pouca importância, perguntando a serventia de um pai. Laranjinha traz de novo seu sentido de vida latente: *“Eu queria ter um pai, que me ensinasse a fazer as ‘parada’, levasse na escola. Seu filho vai ser que nem ‘a gente’? Sem pai? Se virando sozinho aí? Fazendo besteira direto?”* (17min45s).

Persistindo na busca pelo seu pai, a dupla de amigos passa a procurar pelo paradeiro de cada integrante do antigo time. Ao falar com um dos antigos atletas, Laranjinha descobre o destino triste de seu pai: *“Ele ‘tá’ preso por causa daquela parada lá no Boi Brabo. Uma churrascaria famosa, ‘num’ lembra? Ele pegou vinte anos por causa daquela parada lá. A última vez que eu soube tava na Frei Caneca.”* (21min21s). Laranjinha é tomado pela tristeza de ter descoberto o que aconteceu com seu pai, mas decide por ir ao complexo penitenciário. Lá, descobre que seu pai está em liberdade condicional há sete meses, tendo sido detido pelo crime de latrocínio.

Como resposta à frustração de seu sentido de vida, Acerola passa a trair constantemente sua esposa no lugar onde trabalha, em uma guarita de um condomínio na zona nobre carioca. Este comportamento pode ser justificado pelo estado de frustração existencial em que o personagem se encontra, uma vez que teve seu sentido de vida (experimentar sua juventude sem aprisionamentos) fracassado. Conforme trazido por Frankl (2008), esta frustração existencial, por sua vez, pode ter provocado a experimentação do estado de neurose noogênica, causada fundamentalmente pelo sentimento experimentado pelo personagem ao perceber-se frustrado. Assim como trazido por Lukas (1999, citada por Silva et al., 2008), estas neuroses não são meramente reações de resposta à restrição externa de realizar um sentido, mas sim da revelação de uma restrição interna da disponibilidade para perceber possibilidades de sentido e realizá-las – o que acontece com o personagem, ao não perceber no papel da paternidade a possibilidade de experimentar sua juventude, sem necessariamente ter que vivenciar uma vida adúltera.

Momentaneamente satisfeito pela busca de prazer imediato, que forjou a sua real frustração existencial – como previsto por Frankl (2008), ao tratar da vontade de prazer –, Acerola se vê novamente confrontado com o fracasso de sua vontade de sentido latente ao receber a notícia de que sua namorada planeja mudar-se para São Paulo e deixar o filho sob seus cuidados. *“Você é o pai, ‘né’, Acerola?!”*, diz Cristiane, aos 35min45s. Um *flashback* resgata o momento de surpresa e extremo medo experimentado pelo personagem após o nascimento de seu filho. Ao segurá-lo pela primeira vez na maternidade, afirma estar com medo e demonstra profunda emoção. De volta ao presente, Acerola demonstra-se inquieto com a ideia de ter que criar seu filho sozinho, visto que isto interromperia a experimentação de sua vontade de sentido. Aos 37min07s, diz à Laranjinha: *“Tem que ficar vendo o lado dela e do Cleiton?! Quero ver quem é que vai ver o meu. [...] Mas, ‘pô’, tenta me entender, cara. Eu tenho que ficar cuidando do Cleiton... Quero saber quando é que eu vou poder ficar tranqüilão.”*

De volta à busca pelo seu pai, Laranjinha segue, acompanhado de Acerola, para unidade prisional em que seu pai cumpre prisão em

liberdade condicional. Ao encontrá-lo e se apresentar, Laranjinha vê-se novamente frustrado, visto que seu pai deixa claro que não tem condições de fornecer coisa alguma para ele. Dias depois, Acerola consegue o endereço do pai de Laranjinha e, juntos, seguem para lá. Acerola convida o pai do amigo para a suposta festa de aniversário dele. O pai, entretanto, não demonstra desejo de ir.

Em paralelo, o morro em que a dupla de amigos mora é invadido pelo traficante rival do antigo chefe do local, este último primo de Laranjinha. Em meio à confusão, a namorada de Acerola tem sua ida para São Paulo interrompida. Ao encontrar-se com o namorado, afirma que irá embora e, cessada a confusão, parte, deixando Acerola sozinho.

Sendo primo do antigo chefe do tráfico, que foi deposto, Laranjinha é obrigado a deixar o morro onde nasceu. Acerola, por sua vez, sendo o responsável pela delação que permitiu a invasão do morro, é ameaçado de morte e igualmente obrigado a fugir. Sem rumo, e sendo demitido do local onde trabalhava, não tem para onde ir. Por sua vez, também sem rumo, Laranjinha vai à casa do pai e pede abrigo. O pai nega, mas, cede ao apelo insistente do filho, acaba por concordar que o filho passe uma noite lá. Acerola vai à casa do pai de Laranjinha e pede abrigo. O pai, entretanto, interrompe a conversa dos dois e pede que o filho escolha se permanece em casa ou vai embora com o amigo. Laranjinha opta por ficar com seu pai, e abandona Acerola. Sem ter onde ficar, Acerola dirige-se a outro morro do local, agora refúgio do antigo chefe do tráfico do morro onde morava. A cena citada acima, em especial no que diz respeito ao personagem Laranjinha, retrata claramente o papel da noodinâmica frankliana na existência humana. Segundo Frankl (2008), esse movimento refere-se à dinâmica entre o sentido a ser realizado e a pessoa que o fará, além da dialética entre o que se realizou e o que se deve realizar em termos de sentido de vida. Neste caso, Laranjinha percebe que se seguir com seu amigo, abandonando a casa do pai, igualmente abandonará a realização de seu sentido de vida. Portanto, a noodinâmica atua, neste aspecto, de modo a re-equilibrar o indivíduo em direção à realização do seu sentido na vida – o que ocorreu, aqui, com o personagem Laranjinha.

Na casa de seu pai, Laranjinha tem a possibilidade de conversar com ele e estabelecer

a relação que nunca teve durante dezoito anos. Na ocasião, o personagem pede o que, para ele, representaria de fato o presente que sempre quis, e que, por sua vez, constituiu-se, por dezoito anos, o seu sentido de vida: ter o nome de seu pai em sua certidão de nascimento.

Enquanto isso, Acerola vincula-se aos integrantes do tráfico no morro em que está morando. Neste ponto, percebe-se que, sem ter moradia, longe de seu filho, de sua namorada e de seu melhor amigo, Acerola assume a vontade de poder como substituta para o vazio existencial que experimentou após dar-se conta do imperativo da responsabilidade que tem sobre seu filho. Segundo Frankl (2008), a vontade de poder pode atuar como um disfarce para a vontade de sentido frustrada. Neste caso, a postura conformista de Acerola impele-o a fazer o que os outros fazem, uma vez que não sabe mais o que fazer. Em conversa com o ex-chefe do tráfico do morro onde morava, primo de Laranjinha, Acerola descobre que seu pai foi assassinado em seu local de trabalho. O personagem descobre, ainda, que a churrascaria em que seu pai trabalhava tem o mesmo nome do local de trabalho do pai de seu melhor amigo.

Em paralelo, Laranjinha vai em busca de Acerola e encontra seu amigo furioso com a notícia que acabara de receber e, ao discutirem, Acerola conta à seu amigo. Laranjinha, incrédulo do que acabou de descobrir, volta a casa do pai e questiona-o sobre o ocorrido. O pai, entretanto, conta uma versão diferente da real, atestando que matou o pai de seu amigo por legítima defesa – quando, na verdade, executou o pai de Acerola pelas costas, quando viu que seria pego pelo assalto que praticara na churrascaria. Nesse momento, Laranjinha vê seu sentido de vida ser frustrado visto que, embora tenha conhecido seu pai, descobrir a índole deste lhe roubou sua possibilidade de realizar seu sentido de vida. Em meio à discussão, o pai de Laranjinha é detido pela polícia, e o personagem presencia tudo.

Após o ocorrido, Laranjinha vai em busca de Acerola e, ao encontrar seu amigo na invasão do tráfico, pede que, juntos, os dois vão embora. Acerola, entretanto, tomado pela frustração de ter tido sua amizade atravessada pelo terrível acontecimento do passado, culpa seu amigo pela situação em que está. *“Meter o pé, ‘rapá’? Tu acha que eu ‘tô’ aqui por causa de quem? Hein? Tu acha que eu ‘tô’ aqui por causa de quem, irmão? Fala*

*ai.*" (1h32min44s). Laranjinha, ao descobrir que seu pai executou o pai de Laranjinha, fica incrédulo: "*Que isso, Acerola. Ele nunca ia fazer isso, cara. Eles eram amigos.*". (1h33min06s). Acerola aponta a arma que segura para seu amigo e questiona se a amizade de seus pais era a mesma que a deles dois. Laranjinha pede que ele atire, caso, de fato, não sejam amigos.

Nesta cena, é perceptível o impacto que a quebra entre a amizade de Acerola e Laranjinha teve na vida do primeiro personagem. Ainda que a manutenção da amizade de longa data com Laranjinha não fosse especialmente o seu sentido de vida desde o princípio, a importância que esta amizade assumiu na vida de Acerola e o impacto que o supracitado acontecimento tem nela denotam que a amizade entre ambos pode sim ter assumido o lugar de sentido de vida de Acerola. Conforme trazido por Frankl (2008), o sentido da vida de cada pessoa é transitório no que diz respeito à temporalidade da vida. O que realmente importa é o sentido que a existência humana assume em dado momento. De acordo com Pereira (2007), trata-se de identificar qual necessidade tem um sentido por trás de sua realização. Neste caso, a amizade de infância.

Acerola percebe que a essência da amizade entre os dois ainda se mantém verdadeira e ambos fogem. Após se esconderem na casa dos parentes de Acerola, e passada a confusão da invasão do morro, os dois saem, acompanhado do filho do personagem. Sem a possibilidade de permanecerem no morro, e sem um local para ficar, Laranjinha tem a ideia de irem para antiga casa de seu pai. Por fim, a noodinâmica da existência do personagem Acerola é retratada no momento em que este se percebe alcançando o que para ele, durante muito tempo, foi o aspecto responsável pela frustração do que este considera ser seu sentido de vida: o aspecto da paternidade. Pode, aqui, interpretar que, mais uma vez, o sentido de vida do personagem Acerola cedeu à transitoriedade da vida, assumindo, neste momento, a forma da paternidade. Em uma situação adversa, sem nenhuma estabilidade ou projeto de vida, Acerola enxerga a possibilidade de experimentar o seu atual sentido de vida. Isto é comprovado pelo que diz ao filho, no momento em que saem do morro: "*Aí, Cleiton, pode ficar tranquilo que eu vou te ensinar as paradas, moleque.*" (1h39min40s). Frankl (2008) comprova o que foi trazido, visto que

considera o sentido da vida como responsável pelo fortalecimento das estruturas individuais e, portanto, pela capacitação do ser humano para enfrentar situações adversas – tudo isso graças aos desafios da vida.

Ainda sobre esta cena final, pode-se inferir que a responsabilidade da existência humana assumiu grande importância no momento da tomada de decisão de assumir um novo sentido de vida por parte do personagem Acerola. A impossibilidade de adiar constantemente a realização de um sentido de vida se apresentou para o personagem no momento em que este percebeu a finitude de sua existência – fator talvez despertado pela mudança drástica que atravessou sua vida. O imperativo categórico da Logoterapia pode ser perfeitamente adequado ao personagem no momento em que este assume a tarefa da paternidade, visto que decide agir como não agiu até então.

Quanto à Laranjinha, foi possível perceber que seu sentido de vida foi frustrado. Entretanto, resgatando o caráter transitório deste sentido trazido por Frankl (2008), seria contraditório afirmar que o personagem não tem perspectivas de adquirir novos sentidos de vida. Considera-se que os desafios que virão pela frente em sua experiência de vida serão os responsáveis por impelir o personagem a encontrar seu novo sentido de vida. Além disso, retornando ao fenômeno da autotranscendência explorado por Frankl (2008; 1989, citado por Roehe, 2005), podemos atestar a possibilidade que existe do personagem Laranjinha reger a busca pelo seu sentido de vida. Visto que, ao encontrar-se longe do lugar onde nasceu e com novas responsabilidades a serem assumidas, maior torna-se a chance do personagem direcionar-se a algo externo a si mesmo, abdicando, assim, de si próprio.

## CONCLUSÃO

A obra cinematográfica "Cidade dos Homens" (2007) tratou de situações que permitiram a associação de conceitos da Logoterapia e da Análise Existencial de Viktor Frankl, tais como a vontade de sentido, o sentido de vida, a frustração existencial e a noodinâmica. As vivências do cotidiano dos personagens Acerola e Laranjinha foram palco para reflexões acerca do

quão associadas poderiam estar tais situações à teoria aqui referida.

A finalidade deste trabalho referiu-se à construção de uma análise do filme supracitado, correlacionando-o com os conhecimentos da abordagem logoterapêutica de Viktor Frankl, adquiridos ao longo da disciplina Psicologia Fenomenológica Existencial II. A relevância do trabalho diz respeito à possibilidade oferecida

pelo mesmo de aprofundamento e maior compreensão dos aspectos teóricos abordados. Além disso, a produção deste estudo permitiu reconhecer a aplicabilidade dos fundamentos da Análise Existencial frankliana em experiências genuinamente humanas que podem apresentarem-se, sob qualquer forma, em nossa experiência de vida.

## REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. (2012). Análise da narrativa de Viktor Frankl acerca da experiência dos prisioneiros nos campos de concentração. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 206-215.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Matos, D. C. (2012). Felicidade e sentido de vida na sociedade de consumo. *Revista Logos & Existência*, 1(1), 72-78.
- Pereira, I. S. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.
- Roehe, M. V. (2005). Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *Psico*, 36(2), 311-314.
- Silva, J. P. da., Aquino, T. A. A., Melo, S. A., Damásio, B. F. (2008). Integração social e sentido de vida em estudantes universitários brasileiros. *Revista Fórum Identidades*, 4(ano 2), 121-129.
- Souza, E. A. de., Gomes, E. S. (2012). A visão de homem em Frankl. *Revista Logos & Existência*, 1(1), 50-57.

## SOBRE A AUTORA

**Alice Cristina Silva dos Santos.** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); pesquisadora participante do projeto Conhecer para Proteger: Diagnóstico da situação da criança e adolescente no município de João Pessoa, da Casa Pequeno Davi em parceria com a Universidade Federal da Paraíba e com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de João Pessoa. Tem interesse nos temas de: Juventude e Socio educação.